



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXVIII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2024

O neoliberalismo como processo de subjetivação do capital: uma análise marxista.

Daniel Dias Santana¹; Laurenio Leite Sombra²

1. Bolsista PIBIC/CNPq, Graduando em Licenciatura em Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: diasdaniel2001@outlook.com.br
2. Orientador, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: lausombra@hotmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Neoliberalismo; subjetividade; individualismo.

INTRODUÇÃO

Tendo em vista que o pensamento marxista entende o processo de subjetivação a partir do contexto material em que o indivíduo está inserido em suas relações, o modo de produção e organização social contemporâneo não escapa a esta ótica. Sendo assim, no capitalismo neoliberal, marcado supostamente pela livre competição, a sociedade é compreendida como um simples aglomerado de indivíduos, isolados das relações sociais e comunitárias e tidos como átomos completamente individualizados. O “contrato social” tem meramente o papel de atender às necessidades do livre mercado, assim, os sujeitos não se afirmam mais como cidadãos, mas sim como empresários de si mesmos (PALACIO e ESTEBAN, 2019). Organizados como indivíduos livres, paradoxalmente os sujeitos encontram várias estruturas sociais objetivas que possuem caráter impessoal e exercem sobre eles uma determinação e uma dominação que aparece como natural ou essencial. Tendo como objetivo geral investigar o neoliberalismo como uma forma de subjetivação, os objetivos específicos foram compreender a formação da subjetividade na perspectiva marxista, compreender a constituição da subjetividade do liberalismo clássico e entender as bases teóricas do neoliberalismo e sua influência no modo de produção capitalista. A investigação da subjetivação do ser social para o pensamento marxista tomou como base as obras de Karl Marx (MARX, 2010; MARX, 2011; MARX 2017). Para discutir os fenômenos centrais do capitalismo foi utilizado o artigo de Laurenio Sombra (SOMBRA, 2022). A fim de tratar sobre bases teóricas do liberalismo foram

utilizados o artigo de Friedrich Hayek (HAYEK, 1999) e trechos do livro de Ellen Wood (WOOD, 2006). O neoliberalismo foi abordado com o artigo de Alfredo Saad Filho (SAAD FILHO, 2015), o artigo de Maria Paniago (PANIAGO, 2012) e o artigo de Wolfgang Streeck (STREECK, 2012). Para tratar dos processos de subjetivação propostos pelo neoliberalismo foi utilizado o artigo de Pierre Dardot e Christian Laval (DARDOT E LAVAL, 2016), o artigo de Rico Palacio e David Esteban (ESTEBAN E PALACIO, 2019) e o capítulo do livro de Pierre Bourdieu (BOURDIEU, 1998). A hipótese desta pesquisa foi que o neoliberalismo, além de atuar como uma excrescência do capitalismo, exacerbando os seus fenômenos centrais, também traz consigo novos fenômenos e atua de modo a constituir um novo tipo de subjetividade. Assim, o neoliberalismo imprime uma nova racionalidade e naturaliza e introduz nos sujeitos a lógica quantitativa do mercado.

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA

A partir da discussão dos textos trabalhados e dos estudos marxistas, a pesquisa buscou estabelecer uma discussão filosófica a partir de conceitos e processos argumentativos acerca do seu tema central. Portanto, a investigação é caracterizada como conceitual. Ao longo do processo deste trabalho foi observado o rigor conceitual, assim como foram realizadas leituras e fichamentos dos textos base. A natureza deste trabalho foi bibliográfica. Dessa forma, os materiais utilizados foram textuais, como livros, artigos, dissertações etc. A metodologia foi realizada a partir das leituras dos textos apresentados nas referências, também foram desenvolvidos fichamentos com comentários críticos de cada texto estudado ao longo da pesquisa, identificando os movimentos argumentativos e textuais das obras estudadas. No decorrer desta pesquisa, foram realizadas discussões com o orientador a partir da leitura dos textos, de forma presencial ou remota.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)

O produto final da pesquisa foi a confecção de um artigo filosófico em que está presente a reflexão construída nos 12 meses da investigação. O artigo está devidamente formatado e será submetido posteriormente a algum periódico da área de Filosofia. Neste artigo foram abordados conceitos centrais do capitalismo como *luta de classes*, *competição*, *lógica quantitativo*, *valor* e *trabalho* para compreender como o neoliberalismo pode exacerbá-los e trazer fenômenos inéditos que possibilitem uma nova subjetividade.

No contexto da sociedade neoliberal, o trabalho aparece como uma atividade livre

exercida pelos sujeitos sem muitas restrições e de modo autônomo, tendo como objetivo alcançar a maior produtividade/rentabilidade com o mínimo de gasto possível. A nova forma de organização neoliberal propõe a existência de um espaço para infinitas possibilidades de alcançar o sucesso individual, dependendo da vontade pessoal e do empenho exercido pelos indivíduos, caracterizando a sociedade como meritocrática, desconsiderando e naturalizando qualquer estrutura social determinante e dominadora.

Entretanto, o neoliberalismo não pode prometer que todos os indivíduos tenham êxito em sua busca pelo sucesso social. O sonho da liberdade “empreendedora” apresenta uma possibilidade de êxito completamente incerta e improvável para a maioria dos sujeitos (PALACIO e ESTEBAN, 2019). Ainda assim, o discurso do neoliberalismo age na sociedade com ideias de “liberdade individual”, “concorrência” e “mérito”, justificando várias políticas de liberalização e flexibilização da economia que servem aos interesses do capital e à permanência do *status quo*, atuando não de maneira estritamente coercitiva, mas como um processo de subjetivação de indivíduos que reforça a lógica neoliberal (SAAD FILHO, 2015).

Assim, o neoliberalismo exerce um processo de mercantilização progressiva de todas as esferas da vida humana, transformando os sujeitos em “capital humano”, exigindo de cada um o investimento da própria formação dentro e fora do trabalho, reformulando assim a sua subjetividade a partir do princípio da concorrência. Este processo de formação específica de um indivíduo permite tanto a manutenção das condições de concorrência e exploração como também a concorrência generalizada dos trabalhadores entre si (DARDOT e LAVAL, 2016).

CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)

Foi possível perceber que o neoliberalismo não atua meramente como uma extensão do capitalismo, mas como sua elevação, sua excrescência. Assim, fenômenos que são intrínsecos ao capitalismo e que já demonstravam seus efeitos foram exacerbados pelo neoliberalismo, ao mesmo tempo em que fenômenos peculiares foram colocados em prática. Com este projeto em seu escopo, o neoliberalismo promoveu a introjeção de novos atributos subjetivos nos sujeitos, já envolvidos em um sistema de produção que concatenou uma lógica individualista. A subjetividade neoliberal traz consigo a assimilação da mensuração quantitativa e a encarnação do funcionamento do mercado nos indivíduos, onde o cálculo quantitativo, a metrificação e a competição – com sua nova leitura moral que pressupõe a inovação – estabelecem na figura do empresário a

imagem do sucesso social, na qual ideias como o investimento no “capital humano” e no “*mindset* de vencedor” se consolidam como um caminho promissor para a ascensão social e melhoria das condições econômicas de cada sujeito em particular. Em contrapartida, tais noções escondem uma contradição basilar do capitalismo, a de que a reprodução e a criação do valor, assim como a lógica do lucro que possibilita o aumento de riqueza e bens de consumo, só são possíveis a partir da exploração e expropriação de uma massa gigantesca da sociedade (e do próprio ambiente), os colocando em situação de desamparo e precarização.

Por fim, o neoliberalismo amplia os caracteres subjetivos anteriores e traz novos, operando em favor do funcionamento do capitalismo. Dessa maneira, a introjeção de elementos fundamentais da lógica da propriedade privada na racionalidade social e na subjetividade admite toda a operação capitalista como um fenômeno natural.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. O neoliberalismo, utopia (em vias de realização) de uma exploração sem limites. In: **Contrafogos: Táticas para enfrentar a invasão neoliberal**. Tradução: Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1998. pp. 81-88.

DARDOT, Pierre, LAVAL, Christian. *Neoliberalismo e subjetivação capitalista*. Revista o olho da história: n. 22. abril, 2016.

ESTEBAN, David; PALACIO, Rico. *Individuo, trabajo y neoliberalismo*. Revista Filosofía UIS. Vol. 18, nº 1, 2019.

HAYEK, Friederich. Os princípios de uma ordem social liberal. In: CRESPIGNY, Anthony de. CRONIN, Jeremy. *Ideologias Políticas*. Tradução: Sérgio Duarte. Brasília: Editora UnB: 2. ed. 1999. pp. (47-63).

MARX, Karl. **Grundrisse**: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política. Tradução de Mário Duayer e Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2011.

_____. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Ed. Boitempo, 2010.

_____. **O Capital**: crítica da economia política. Livro I: o processo de produção do capital. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2017.

PANIAGO, Maria Cristina Soares. *Keynesianismo, neoliberalismo e os antecedentes da “crise” do Estado*. Coletânea Marx, Mészáros e o Estado. São Paulo: Instituto Lukács, 2012. pp. 1-13.

SAAD FILHO, Alfredo. *Neoliberalismo: Uma análise marxista*. Marx e o Marxismo v.3, n.4, p. 58 - 72, jan/jun 2015.

SOMBRA, Laurenio Leite. *Capitalismo e relação social: uma rediscussão*. Revista Humus, vol. 12, num. 37, 2022. pp. 299-304.

STREECK, Wolfgang. *As crises do capitalismo democrático*. Revista Novos Estudos, CEBRAP, 92. p. 35 – 56. Março, 2012.

WOOD, Ellen. **Democracia contra capitalismo**: a renovação do materialismo histórico. Tradução de Paulo Cezar Castanheira. São Paulo: Editora Boitempo, 2006.